

## A Assimilação Mercúrio/Lug na Gália Romana\*

Filippo Lourenço Olivieri  
Doutorando em História, UFF  
[filippoolivieri@click21.com.br](mailto:filippoolivieri@click21.com.br)

### Resumo

Este artigo pretende analisar a assimilação do culto de Mercúrio/Lug na Gália romana. A assimilação do culto de Mercúrio ao deus celta Lug na *Interpretatio Romana* demonstra que Lug era um grande deus para os celtas e particularmente para os druidas. Os aportes da mitologia irlandesa nos ajudam no estudo da Gália pré-romana.

Palavras-chave: Assimilação, Gália pré-romana, religião Celta

### Abstract

This paper intends to analyse the assimilation of Mercury/Lug cult in Roman Gaul. The assimilation of Mercury cult with the Celtic god Lugus in *Roman Interpretatio* demonstrates that Lug was a great god for the Celts and especially for the Druids. The Irish mythology helps us in this study of pre-roman Gaul.

Keywords: Assimilation, Pre-Roman Gaul, Celtic religion

## Introdução

Após a conquista romana, muitos nome de entidades célticas aparecem na iconografia gaulesa. Todavia, o nome do deus a que Mercúrio estaria sendo equiparado não é claramente citado. Todavia, sabemos que este deus é Lug. Através de fontes como César, a Mitologia Irlandesa e a iconografia, buscaremos delinear a assimilação Mercúrio/Lug. Nesse processo, o papel de parte da classe druídica deve ter sido determinante. O culto imperial, introduzido por Augustus, teria papel relevante patrocinando a assimilação da principal entidade céltica a Mercúrio e ao próprio imperador.

## Mercúrio na *Interpretatio Romana*<sup>1</sup> de César

Na descrição que César faz no *De Bello Gallico* sobre a religião céltica na Gália, nenhum nome de divindade nativa é apresentado; pelo contrário, são nomes de deuses romanos os que aparecem na lista do cônsul:

O deus que eles mais adoram é Mercúrio. Seus simulacros são os mais numerosos. Eles o vêem como o inventor de todas as artes, como o guia dos viajantes através dos caminhos, como o mais capaz de prover ganhos de dinheiro e fazer prosperar o comércio. Depois dele, eles adoram Apolo, Marte, Júpiter e Minerva. Eles têm sobre estas divindades mais ou menos as mesmas idéias que os outros povos: Apolo cura as doenças, Minerva ensina as técnicas dos artesãos, Júpiter exerce seu império sobre os céus e Marte governa as guerras. (Tradução nossa) (CÉSAR, VI, 17)

Ainda hoje, é uma questão para os estudiosos descobrir os nomes célticos dos deuses que César cita usando nomes latinos. Sabemos que os gauleses não adoravam deuses como Mercúrio, Apolo ou Minerva. César dá uma especial prevalência a Mercúrio. Faz um comentário mais longo e detalhado acerca desse deus.

Muitos estudiosos consideram que a *Interpretatio Romana* da religião céltica começou com César. Para Brunaux (BRUNAU, 2000: 74), César tentou formular uma espécie de síntese ideal, uma forma de modelo resumido dos principais deuses encontrados em toda a Gália.

O que podemos observar através da iconografia da Gália e da Britânia no período romano, além de outras regiões, é a ocorrência de estátuas de deuses e deusas, isolados ou em casais, com nomes celtas ou romanos. Mas o que muitas vezes dificulta o trabalho de identificação do panteão céltico é a grande quantidade de epítetos (palavra acrescida a um nome para qualificá-lo) que chegam a várias centenas. Dessa forma, um mesmo deus com nome romano pode ser representado com uma quantidade enorme de atribuições.

## Mercúrio/Lug

Uma das questões que se coloca é identificar o nome do deus celta que foi identificado a Mercúrio. A quase totalidade dos historiadores concorda em que trata-se de Lug<sup>2</sup> ou Lugus. Este deus tem uma posição destacada na mitologia irlandesa, sendo o mais importante dos deuses. Não entraremos em mais detalhes sobre a identificação do Mercúrio<sup>3</sup> gaulês com o Lug irlandês no âmbito deste trabalho, mas destacamos que é

através mitologia da Irlanda que podemos afirmar com segurança que o Mercúrio de César é o Lug da Irlanda, conhecido na Gália<sup>4</sup> como Lug (GUYONVARCH & LE ROUX, 1991: 108).

Entretanto, tanto na Gália como na Britânia, a ocorrência do seu nome em forma pura é muito rara, com exceção de uma na Suíça, onde aparece sob a forma de *Lugoves* (plural) indicando três Lug (GUYONVARCH & LE ROUX, 1993: 112) e algumas ocorrências no norte da Espanha. O que encontramos de forma significativa é o nome desse deus na Gália e na Britânia designando o nome de cidades celto-romanas. São conhecidas em torno de quinze destas só na Gália. O exemplo mais famoso é *Lugdunum* (Lyon) (Lugus + *dunum* = fortaleza) fundada, em 12 a.C., por Drusus, para ser o centro político e religioso das três províncias gaulesas, as Gálias: Bélgica, Celta e Aquitânia, não incluída a Gália Narbonense.<sup>5</sup> A data da escolha da fundação e celebração do Conselho das Gálias (*Concilium Galiarum*) nessa cidade foi 1<sup>o</sup> de agosto, que coincide com a Assembléia de Lug (*Lugnasad*) na Irlanda, uma das quatro festas cíclicas irlandesas, que celebra, entre outros eventos, o amadurecimento das colheitas e das frutas.

A fundação de *Lugdunum*, que viria a tornar-se a cidade francesa de Lyon, não foi fortuita. Na verdade, tratou-se de uma tentativa bem sucedida de “encobrir” e equiparar o deus supremo celta com o culto imperial, com a introdução do altar dedicado a Roma e Augusto divinizado (CUNLIFFE, 1997: 189). A coincidência entre o *Concilium Galiarum* gaulês e o *Lugnasad* irlandês também não é fortuita.

## A iconografia

A iconografia de Mercúrio nas regiões célticas apresenta características do deus romano como: caduceu, petasos, bolsa e os animais normalmente que lhe são consagrados, o galo e o bode. Contudo, há elementos que não podem ser atribuídos à divindade romana, mas que chamam a atenção. O “Mercúrio celta” aparece ligado à serpente com cabeça de carneiro (um tema recorrente na iconografia céltica), às vezes o deus tem três cabeças ou três rostos, noutras está armado de uma lança. A ocorrência do triplismo<sup>6</sup> e da lança podem ser explicados por meio da mitologia irlandesa (BRAKILIEN, 1981: 115-121). Em algumas representações, vemos as três faces encimadas pela quase onipresente serpente com cabeça de carneiro e, abaixo, a presença do galo e do bode. Um detalhe que chama a atenção é o fato das três faces estarem separadas por ramos de trigo, remetendo à importância do deus para a colheita. O trigo tinha uma enorme importância para a economia gaulesa (GREEN, 1989: 174).

Em relação aos epítetos, temos Mercúrio Artaios (em gaulês, urso), Mercúrio Gebrínius (em gaulês designa os caprinos), entre outros.

Acerca das imagens de casais onde Mercúrio está presente, encontramos normalmente o deus com nome romano, acompanhado de sua consorte com nome celta. Trata-se do par Mercúrio-Rosmerta. Este caso é interessante porque também não está claro o nome do deus celta que o deus romano veio a substituir, enquanto a deusa mantém o seu nome local. O deus aparece com os tradicionais atributos de Mercúrio, caduceu, petasos, as vezes uma bolsa e um galo, animal consagrado à divindade. Rosmerta<sup>7</sup>, com atributos ligados à prosperidade, como a cornucópia, claramente de inspiração mediterrânica. Rosmerta é uma palavra gaulesa que significa a *grande provedora*. Em gaulês temos: *ro*, prefixo e preverbo intensivo significando *muito* e *smero* ou *smerto* um tema que significa *prover* (DELAMARRE, 2001: 221; 234).

A respeito do nome do deus aparecer designando um deus romano e o da deusa como deusa céltica, Jane Webster (WEBSTER, 1997: 174). propõe duas teorias: A primeira dá conta de que trata-se de uma alegoria da dominação, onde destaca-se um deus masculino romano representando o conquistador sobre uma deusa que representaria uma divindade local. O autora faz inclusive equiparações com representações do século XVI, onde vemos Américo Vespúcio encontrando-se com a “América” idealizada na representação de uma mulher. Para a autora, estaríamos diante de uma preponderância do deus masculino, identificado ao invasor, sobre a deusa, identificada ao povo dominado. A outra teoria pretende que as divindades femininas seriam mais resistentes à simbiose com o esquema religioso romano, uma vez que a importância das deusas na religião céltica é grande (WEBSTER, 1997: 176). A iconografia demonstraria esta relação dominador-dominado. Ao manter a deusa com o nome céltico, haveria uma tentativa de resistência.

As duas teorias têm um eixo comum, que é a questão da preponderância do dominador sobre o nome do deus céltico masculino. Este teria sido suprimido, enquanto o nome da deusa logrou sobreviver. Mais adiante, colocaremos uma terceira hipótese.

### Lug e os druidas

Após a conquista romana, iniciou-se a repressão aos druidas. Seria possível articular esta supressão pela ocupação romana com a supressão do nome do deus Lug? Para Rankin (RANKIN, 1996: 276), o culto de Lug teria um especial interesse para os druidas. Lonigan (LONIGAN, 1996: 27), citando Mac Cana, argumenta que Mercúrio-Lug, enquanto patrono de todas as artes (como refere César), seria também o patrono do druidismo. Acreditamos que a proeminência desse culto poderia explicar a raridade do seu nome na epigrafia e também o sua imediata substituição por Mercúrio.

Para Guyonvarc’h e Le Roux, que articulam a Teoria da Ideologia Trifuncional de Georges Dumézil, temos:

(...) Lug é sobretudo conhecido por seu nome irlandês medieval (moderno *Lugh*, com aspiração final do *-gh*). Segundo o *Cath Maighe Tuireadh* ele possui todas as capacidades e assume ou transcende todas as funções de todos os outros deuses. (...) Ele é ‘fora de classe’ no sentido de que ele é de ‘todas as classes’, bem entendido que pertence essencialmente àquela de todos os deuses, a primeira classe sacerdotal. Ele é a princípio sacerdote, guerreiro (que explica certos aspectos sombrios) e artesão (da madeira e do metal). E quando César o nomeia ‘inventor de todas as artes’, ele só indica uma pequena parte de suas capacidades. Ele é também o deus dos mercadores e viajantes, que corresponde pelo menos a uma das características de seu homólogo romano. (Tradução nossa) (GUYONVARC’H & LE ROUX, 1991: 108-109)

*Cath Maighe Tuireadh* ou a *Batalha de Mag Tured* (literalmente do antigo irlandês A *Batalha do Plano dos Pilares*) é um dos mais importantes relatos da mitologia irlandesa, no qual é narrado o combate entre os *Tuatha De Danan* (Povo da Deusa Dana) contra os primitivos habitantes da Irlanda, chamados *Foimores*. O deus Lug torna-se o líder dos *Tuatha* e, na passagem referida na citação, ele reúne e interroga a todos os deuses para saber como cada um deles poderia contribuir para derrotar os *Foimores*. Ele interroga os deuses das três funções (no sentido da teoria de Georges Dumézil) e também os druidas. Essa passagem é ilustrativa do poder transfuncional de Lug.

Os druidas, enquanto mediadores entre os homens e os deuses, eram responsáveis pelo equilíbrio entre as três funções. Eles próprios eram representantes da primeira função e instrumento da ordem cósmica.

A ocupação romana foi um duro golpe sobre esse poder. É um equívoco acreditar que todos os druidas foram apenas agentes da resistência, sem que uma parte tenha “colaborado” a favor da intervenção de Roma. O caso do druida gaulês Diviciaco<sup>8</sup>, que contribuiu para o sucesso de algumas campanhas de César, lança alguma luz sobre isso. Contudo, não devemos entender a adesão de parte dos druidas como uma negação da identidade céltica, uma vez que os celtas não tinham uma noção de pátria ou unidade política. Na fundação da já citada colônia romana de *Lugdunum*, o culto imperial se fundiu com o culto do deus epônimo da cidade. Através de Tito Lívio (TITO LÍVIO. 139) sabemos que, por ocasião da instituição desta colônia para a instalação do Concílio das Gálias, o primeiro sacerdote é um gaulês da tribo dos éduos, que detém a cidadania romana, chamado Július Vercondaridubnus. Este homem, devido a suas atribuições religiosas, só poderia ser um druida. Todavia, não poderia mais se apresentar como tal.

Podemos responder às teses de Jane Webster com uma terceira proposição, na qual o fato do nome do deus Mercúrio aparecer junto ao nome de Rosmerta se deve à repressão ao ofício dos druidas ter promovido a repressão ao culto de Lug na sua forma tradicional. Assim, o culto do deus intimamente associado à prática druídica foi absorvido pelo culto do imperador. Os druidas que passaram a presidir o ofício deste culto não puderam mais se apresentar como tais.

Na *Interpretatio Romana*, que desde César homologa a Mercúrio o lugar de deus mais cultuado da Gália (com o maior número de estátuas, protetor dos comerciantes, dos viajantes e patrono de todas as artes), ocorre a síntese do poder de uma divindade cuja abrangência era muito maior do que o resumo proposto pelo general. César, e posteriormente seus concidadãos, não devem ter compreendido o lugar de Lug na teologia dos druidas, mas perceberam que o fervor dos gauleses por esta entidade ligava-os diretamente aos druidas. Logo, era importante capitalizar esse culto para os interesses romanos. Se Lug ou Lugus tinha ascendência tanto sobre a função sacerdotal como sobre a função guerreira, nada mais conveniente do que equipará-lo aos imperadores, que acumulavam funções temporais e espirituais. Em 12 a.C., Augustus<sup>9</sup> assumiu o título de *pontifex maximus*<sup>10</sup>.

A tentativa de fundir o culto a Lug com o culto ao imperador pôde ser bem sucedido pelo fato, entre outros, do Concílio das Gálias ser situado em *Lugdunum* (fortaleza de Lug), uma cidade ligada ao deus. Teria sido uma forma de esvaziar o controle dos druidas sobre reuniões desse tipo. Certas moedas encontradas em Lyon possuem representações de um deus ou gênio protetor do local, que aparece associado a corvos. Este fato corrobora a tese de que se trata do deus Lug, que na Irlanda é associado a estas aves (GREEN, 1997: 137). Também é emblemático como em algumas estátuas do par Mercúrio-Rosmerta, o nome de Mercúrio está omitido e quem está substituindo o deus romano seja justamente o imperador. Esta associação se dá na epigrafia e, não, na iconografia (WEBSTER, 1997: 174).

## Conclusão

A proibição do druidismo fez com que alguns druidas optassem em se adequar aos cultos romanos. Contudo, não podiam mais se apresentar como druidas. É certamente o caso do citado *Vercondaridubnos* que foi nomeado sacerdote do culto

imperial em Lugdunum e que detinha cidadania romana. Aqueles druidas que não aceitavam a romanização não tinham lugar na Ordem Romana e estavam proscritos.

A propaganda imperial buscou sobrepor o culto de Mercúrio ao de Lug, ligando-o ao culto imperial. Para tanto, acreditamos que druidas romanizados tenham sido escolhidos para o ministério desse culto. Dessa forma, o deus celta Lug que teria preponderância sobre os sacerdotes, a guerra, as colheitas e uma íntima relação com os druidas, deveria ser reverenciado sob a forma de Mercúrio, mas também direcionado para o culto imperial, confundindo-se com o próprio imperador. Este culto teve nos druidas que se “adaptaram” à ocupação romana, mas que não mais se nomeavam como tal, os seus grandes guardiães.

## Bibliografia

### Fontes primárias:

CATH MIGHE TUIREADH. (*La bataille de Mag Tured*). In: Textes mythologiques Irlandais. Trad. GUYONCARTH, Christian J. & LE ROUX, Françoise. Rennes: Ouest-France, 1980-1986.

CÉSAR. *La Guerre des Gaules*. Paris: GF- Flammarion, 1964, trad. Maurice Rat.

CICÉRON. *De Divinatione*. London: Loeb Classical Library, 1922, trad. W. Falconer.

DIODORUS SICULUS. *Library of History*. London: Loeb classical Library, 1939, trad. C. H. Oldfather.

PLINE L'ANCIEN. *Histoire Naturelle*. Paris: Les Belles Lettres, 1962, Livre XXIX.

TITO LIVE. *Epitome*. 2000. Site: Arbre Celtique.

<http://www.arbre-celtique.com/apprendissements/druidisme/inventaire-txt/classe-sacerd.pl>

### Obras de referência:

DELAMARRE, Xavier. *Dictionnaire de la langue Gauloise*. Paris: Ed. Errance, 2001.

GREEN, Miranda. *Dictionary of Celtic Myth and Legend*. London: Thames and Hudson, 1997.

### Obras gerais e teóricas:

BRAKILIEN, Yann. *La mythologie celtique*. Paris: Ed. Jean Picollet, 1981.

BRUNAU, Jean-Louis. *Les religions gauloises. Nouvelles approches sur les rituels celtiques de la Gaule indépendante*. Paris: Ed. Errance, 2000.

CHADWICK, Nora. *The Druids*. Cardiff: University of Wales Press, 1997.

CUNLIFFE, Barry. *The ancient Celts*. Oxford: University Press, 1997.

DUMÉZIL, Georges. L'idéologie des Indo-Européens. In: *Mythes et Dieux des Indo-Européens*. Paris: Flammarion, 1992.

GREEN, Miranda. *Symbol & image in celtic religious art*. London: Routledge, 1989.

\_\_\_\_\_. *Exploring the World of the Druids*. London: Thames and Hudson, 1997.

GUYONVARCH, Christian-J. & LE ROUX, Françoise. *Les Druides*. Rennes: Ed. Ouest-France, 1986.

\_\_\_\_\_. *La société celtique*. Rennes: Ed. Ouest-France, 1991.

- \_\_\_\_\_. *A civilização celta*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1993.
- JUBAIVILLE, H. D'arbois. *Os Druidas Os Deuses Celtas com Formas de Animal*. São Paulo: Madras, 2003.
- LONIGAN, Paul R. *The Druids – Priests of the Ancient Celts*. Westport: Greenwood Press, 1996.
- LUPI, João. Os Druidas. *Brathair* 4 (1), 2004, [www.brathair.cjb.net](http://www.brathair.cjb.net)
- PIGGOTT, Stuart. *The Druids*. London: Thames and Hudson, 1999.
- RANKIN, David. *Celts and Classical World*. London: Routledge, 1996.
- WEBSTER, Jane. A negociated syncretism: readings on the development of Romano-Celtic religion. In: MANTIGLY, D. J. (ed.) *Dialogues in Roman Imperialism, Journal of Roman Archaeology*. 23. Portsmouth: Oxbow Books, 1997.

---

## Notas

\* Orientador: Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso Pesquisa: “O papel dos druidas na sociedade céltica na Gália dos séculos II e I a.C.” O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. Trabalho apresentado (com alterações) no XI Encontro Regional de História “Democracia e Conflito”, realizado no Rio de Janeiro de 18 a 22 de outubro de 2004, realizado pela ANPUH – RJ. Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2004.

<sup>1</sup> *Interpretatio Romana* aqui entendida como a equiparação das divindades romanas às dos povos conquistados por Roma.

<sup>2</sup> Lug é o principal deus na mitologia irlandesa. Está presente nos principais relatos mitológicos, em particular no *Lebor Gabala Erren* (Livro de Conquistas da Irlanda) e no *Cath Maighe Tured* (Batalha de Moytura). Suas armas são: a lança, que retorna ao ser lançada e a funda. O corvo é um dos animais a ele consagrados.

<sup>3</sup> Mercúrio é uma entidade latina identificada ao grego Hermes. Protetor dos ladrões, médicos, mensageiros, etc. É representado como um homem jovem com um petasos com asas (chapéu com asas), caduceu (varinha com asas e duas serpentes entrelaçadas) e azinhas nos pés ou nas botas.

<sup>4</sup> A antiga Gália compreende a atual França, Bélgica, Luxemburgo, parte ocidental da Suíça, porção da Alemanha ao oeste do Reno e Holanda ao sul do Reno.

<sup>5</sup> Os limites dessas “quatro” Gálias encontram-se no *Bellum Gallicum*, I,1.

<sup>6</sup> Caracterização da divindade sob três aspectos. Uma forma de pensar o triplismo pode se encontrada na obra de Georges Dumézil, (*L'idéologie tripartite des Indo-Européens*) que entende o pensamento indo-europeu com base nas três funções: sacerdotal-jurídica, guerreira e produtora.

<sup>7</sup> Rosmerta é uma deusa celta normalmente associada a Mercúrio. As vezes representada com um cepetro e um caldeirão. Outras vezes com a patera (vaso para libações) e cornucópia (chifre da abundância). Esses atributos denotam sua função provedora.

<sup>8</sup> Diviciaco está presente nos relatos de César, na Guerra das Gálias. Nesses relatos, Diviciaco serve de intermediário entre César e os nobres gauleses, sendo bastante colaborativo com o cônsul. Diviciaco esteve em Roma e visitou Cícero. Através de Cícero (*De Divinatione*, I, 41, 90), sabemos que se tratava de um druida. César, porém, não faz qualquer comentário a esse respeito.

<sup>9</sup> Primeiro imperador romano. Seu principado deu-se entre 27 a.C. – 14 d.C.

<sup>10</sup> Sumo sacerdote. Título com caráter religioso assumido por Augusto. Tinha responsabilidades como: observação de calendários, presidir cerimônias de estado, poderes sobre a classe sacerdotal, entre outras.